

A UNIVERSIDADE POPULAR DAS MADRES DE PLAZA DE MAYO: AS TRANSIÇÕES E CONTINUIDADE DA LUTA

*Ivandilson Miranda Silva**

UNEB/CEPEX-RH

<https://orcid.org/0000-0001-5719-5433>

*Luciano Costa Santos***

Universidade do Estado da Bahia

<https://orcid.org/0000-0003-3864-7590>

RESUMO

O texto sobre a Universidade Popular das Madres de Plaza de Mayo: as transições e continuidade da luta objetiva apresentar um histórico desta instituição e seu processo de transição para Universidade Nacional. O método adotado nesta pesquisa é o fenomenológico com entrevista narrativa. O resultado é a possibilidade de firmar parceria entre a UNEB e a Universidade das Madres, considerando as perspectivas de diálogo entre Brasil/Argentina para pensar pautas científicas e ações políticas em um contexto de reorganização dos movimentos sociais na América Latina. A experiência das universidades populares tem se constituído como possibilidade/realidade ante o processo do não (re) conhecimento e/ou legitimação do acesso da maioria da população pobre ao conhecimento científico/filosófico/social em suas dizibilidades contemporâneas. Nesse sentido, concluímos que é urgente a consolidação de Universidades Populares no Brasil.

Palavras-chave: Universidade Popular, Organizações Internacionais, Movimento de Educação Popular, Pesquisa em educação.

ABSTRACT

THE POPULAR UNIVERSITY OF MADRES DE PLAZA DE MAYO: TRANSITIONS AND CONTINUITY OF THE STRUGGLE

The text about the Popular University of Madres de Plaza de Mayo: the transitions and continuity of the struggle aims to present a history of this institution and its transition process to a National University. The method adopted in this research is phenomenological with narrative interviews. The result is the possibility of establishing a partnership between UNEB and the University of Madres, considering the perspectives of dialogue between Brazil/Argentina to think about scientific agendas and political actions in a context of reorganization of social movements

* Doutor em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professor do Centro de Estudos, Pesquisa, Extensão e Desenvolvimento Humano (CEPEX DH). Integrante do Núcleo de Estudos Sobre Pensamento e Contemporaneidade (PpgeDuc/UNEB). Salvador, Bahia, e-mail: ivanvisk@gmail.com

** Doutor em Filosofia (PUCRS). Pós-Doutor em Filosofia Moral e Política (UAM). Professor Titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professor Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC). Salvador, Bahia. E-mail: lucostasantos1@gmail.com

in Latin America. The experience of popular universities has been constituted as a possibility/reality in the face of the process of non-(re)knowledge and/or legitimization of the access of the majority of the poor population to scientific/philosophical/social knowledge in its contemporary divisibilities. In this sense, we conclude that the consolidation of Popular Universities in Brazil is urgent.

Keywords: Popular University, International Organizations, Popular Education Movement, Research and education.

RESUMEN

LA UNIVERSIDAD POPULAR DE MADRES DE PLAZA DE MAYO: TRANSICIONES Y CONTINUIDAD DE LA LUCHA

El texto sobre la Universidad Popular de Madres de Plaza de Mayo: las transiciones y continuidad de la lucha pretende presentar una historia de esta institución y su proceso de transición a una Universidad Nacional. El método adoptado en esta investigación es fenomenológico con entrevistas narrativas. El resultado es la posibilidad de establecer una alianza entre la UNEB y la Universidad de Madres, considerando las perspectivas de diálogo entre Brasil/Argentina para pensar agendas científicas y acciones políticas en un contexto de reorganización de los movimientos sociales en América Latina. La experiencia de las universidades populares se ha constituido como una posibilidad/realidad frente al proceso de des(re)conocimiento y/o legitimación del acceso de la mayoría de la población pobre al conocimiento científico/filosófico/social en su forma contemporánea. divisibilidades. En este sentido, concluimos que la consolidación de las Universidades Populares en Brasil es urgente.

Palabras clave: Universidad Popular, Organismos Internacionales, Movimiento de Educación Popular, Investigación y educación.

Introdução¹

A Universidade Popular das Madres de Plaza de Mayo², hoje Universidade Nacional das Madres de Plaza de Mayo, é uma das grandes experiências de educação do século XXI. Surgida a partir da luta das Madres, que tiveram um papel importantíssimo contra a ditadura civil-militar de 1976-83, a universidade ousa se propor popular, por ter um legado histórico de resistência às políticas contrárias aos

interesses dos mais pobres da Argentina e da América Latina.

O movimento das Madres de Plaza de Mayo (1977)³, em Buenos Aires, foi e continua sendo fundamental para denunciar as atrocidades promovidas pela ditadura Argentina. Ainda hoje, as prisões, torturas e mortes deste período trazem dor e desconforto para todos que vivenciaram aquele momento e, também, desconfortam as novas gerações por entenderem que este acontecimento foi extremamente negativo para o

1 Texto revisado e normalizado por Erivelton Nonato de Santana: Professor Titular da Universidade do Estado da Bahia. Doutor em Letras Vernáculas (UFBA).

2 Parecer: 3.255.059: Após a avaliação ética com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

3 Este artigo é parte da tese de Doutorado pelo Programa de Educação e Contemporaneidade (PPGeduC) da Universidade do Estado da Bahia, intitulada: "La Calle, La Plaza, La Palabra": Educação Popular, Contemporaneidade e Experiência da Universidade das Madres de La Plaza de Mayo, e, também, da continuidade do diálogo entre Universidade do Estado da Bahia e a Universidade Nacional das Madres.

país. Para o saudoso professor Eduardo Rebuá (2015), as Madres de Plaza de Mayo surgiram em meio à mais cruel ditadura civil-militar da América Latina. Infelizmente, neste mesmo período, vários países da América Latina, a exemplo do Brasil (1964-1985), Chile (1973-1990) e Uruguai (1973-1985), estavam passando por regimes semelhantes, tornando o continente um espaço de repressão à democracia, de perseguição política e de alinhamentos aos interesses econômicos dos Estados Unidos da América.

É dentro desse contexto de extrema violência contra os opositores (em grande parte jovens estudantes), configurando um regime de brutalidades, que emergem movimentos que vão lutar pela redemocratização da Argentina e contra o terror promovido pelo Estado. As Madres de la Plaza de Mayo são mulheres/mães que têm seus filhos sequestrados e mortos pela ditadura e, por isso, serão fundamentais para denunciar as atrocidades deste regime e evidenciar a necessidade do retorno da democracia. A Universidad Popular das Madres de Plaza de Mayo (UPMPM) surge em 2000 na sede da Associação das Madres da Praça de Maio, em Buenos Aires, e esse evento marca, sobremaneira, o patamar das reflexões sobre educação popular na América Latina.

Neste artigo, conheceremos a experiência da universidade popular criada a partir da ação política das Madres de Plaza de Mayo a partir de uma pesquisa que se utilizou do método fenomenológico e da entrevista narrativa como um dispositivo de produção e análise de dados para a pesquisa, produzida a partir das idas à Associação das Madres de Mayo, no mês de janeiro de 2019, em Buenos Aires, para conhecer a Associação e o trabalho realizado na Universidad Popular (hoje Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo).

A Universidad Popular das Madres: surge o saber da luta

A ideia de fundar uma universidade popular como espaço outro de produção de conheci-

mento e práticas pedagógicas emancipadoras surge em 1999, quando a Associação de Madres de Plaza de Mayo inicia uma série de atividades como “espaço de resistência” cultural. Os primeiros passos para a universidade popular começam a ser definidos. Apenas em 2000, a Associação das Madres funda a Universidad Popular, que será voltada à formação de um pensamento crítico e uma práxis transformadora com capacidade para confrontar ideias hegemônicas, com a participação de setores populares e movimentos sociais.

A Universidad Popular Madres de Plaza de Mayo (UPMPM) foi fundada em 6 de abril de 2000 em Buenos Aires, na própria sede das Madres, no centro da cidade. A ideia ganhou concretude no ano anterior, em setembro, quando da realização do Seminário de Análises Crítica de la Realidad Argentina (1983-1999), realizado na Livraria e no Café Literário da sede do Movimento, de onde participaram intelectuais como Osvaldo Bayer e Vicente Zito Lema. Na inauguração da UPMPM estiveram presentes representantes da Universidad de Salamanca (Espanha), do Instituto Martin Luther King (Cuba), bem como intelectuais e militantes argentinos e de distintos países. (Rebuá, 2015, p. 261)

O surgimento dessa iniciativa revolucionária na transição do século XX para o XXI, aponta para a ampliação da capacidade de luta das Madres de Plaza de Mayo, que entendem o trabalho de educação popular como uma ferramenta importante para a luta por uma sociedade mais justa e menos desigual. Essa luta passa fundamentalmente pela educação de qualidade, que proporciona um salto da Pedagogia do Oprimido (2015) para a Pedagogia da Autonomia (1996) e, também, da Esperança (1992) nos moldes freireanos. A Universidad Popular das Madres de Plaza de Mayo inventava um novo contemporâneo, pois ao apostar na construção de uma instituição de ensino superior, elevava as exigências dos movimentos sociais na América Latina, como a Universidad de la Tierra (México) e a Escola Florestan Fernandes (Brasil) que, também, criariam universidades populares na primeira década do século XXI.

No final da década de 1980, no Brasil, a tendência dos movimentos sociais era construir cursos pré-vestibulares comunitários, com o desafio de inserir os estudantes das periferias nas universidades públicas e privadas.

Nesse processo histórico de construção, ainda inconclusa, a luta para que as classes populares e os grupos sociais marginalizados tenham de fato o direito à educação formal não é uma novidade no Brasil. Ao longo da nossa história, sobretudo a partir do século XX, vários movimentos sociais se organizaram para lutar pelo direito à escolarização. Esse é o caso dos cursos pré-vestibulares organizados para preparar estudantes oriundos de classes populares e grupos sociais marginalizados para os vestibulares. (Nascimento, 2002, p. 01)

Os cursos pré-vestibulares comunitários, além de preparar para os vestibulares, também acabavam sendo um espaço de produção e formação política de um público oriundo das periferias, que começa a adentrar as universidades públicas, tendo um grande apoio para sua inserção nas políticas afirmativas que se desenvolvem com certa amplitude no primeiro governo Lula (2003-2007). Segundo Piovesan (2008), em 2002, no final do governo Fernando Henrique Cardoso (FHC), no âmbito da Administração Pública Federal, foi criado o Programa Nacional de Ações Afirmativas, que contemplava medidas de incentivo para empresas que desenvolvessem políticas para inclusão de mulheres, afrodescendentes e pessoas com deficiência. No mesmo ano, foi lançado o Programa Diversidade na Universidade e, nesse contexto, foram adotados programas de cotas para afrodescendentes em universidades – como é o caso da UERJ, UNEB, UnB, UFPR, entre outras.

Mas, de acordo com Moura (2019), foi nos governos Lula e Dilma Rousseff (PT) que essas políticas se efetivam na prática com

A criação da Lei nº 10.639/2003, que estabelece o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana em todas as instituições de ensino; a instalação da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), em 2003; a criação do Estatuto da Igualdade Racial (Lei nº 12.288/2010) e da Lei de Cotas. Implementada

em 2012, a Lei nº 12.711, regulamentada pelo Decreto nº 7.824/2012, estabelece que 50% das vagas de universidades e institutos federais de ensino sejam reservadas a estudantes pretos, pardos e indígenas, bem como aos oriundos de escolas públicas, com renda familiar bruta igual ou inferior a um salário mínimo e meio. (Moura, 2019, p. 9)

Posteriormente, em 2003, foi instituída a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial (PNPIR), que reforça a eficácia das ações afirmativas e determina a criação de diversos mecanismos de incentivo e pesquisas para melhor mapear a população afrodescendente, otimizando, assim, os projetos direcionados. Ainda naquele ano, foi criada a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República, que auxilia o desenvolvimento de programas, convênios, políticas e pesquisas de interesse para a integração racial. Os cursos pré-vestibulares comunitários e as políticas afirmativas foram e ainda são importantes ações para inserção de pessoas das periferias nas universidades públicas. As instituições de ensino superior privadas, também foram contempladas com políticas de inserção de pessoas das comunidades, através do PROUNI (Programa Universidade Para Todos), criado em 2004 no governo Lula, que garante acesso às universidades particulares para estudantes que tenham estudado o ensino médio exclusivamente em escola pública, ou como bolsista integral em escola particular.

Diante desse cenário, diversas iniciativas de cursos pré-vestibulares comunitários surgiram no país e proporcionaram a entrada de muitos estudantes da classe trabalhadora nas universidades, centros universitários e faculdades. Os movimentos sociais ligados à educação estavam se articulando em torno dessa pauta, mas as Madres de Plaza de Mayo, em 2001, dão um passo que provoca a reflexão necessária sobre a criação de universidades populares e sua relevância político-pedagógica para a luta por outra humanidade possível. A Universidade das Madres de Plaza de Mayo foi se consolidando e atualizando suas ideias e práticas desde o seu

nascimento, em 2000, até a sua transformação em Instituto Nacional de Direitos Humanos em 2015, a Universidade das Madres demonstra que é possível criar espaços de educação popular de nível superior ou universitário, com uma proposta político-pedagógica que valoriza o conhecimento que se desenvolve no meio do povo, e povo como *potentia*, como poder político em si na comunidade (Dussel, 2007).

Em entrevista para a pesquisa, Hebe de Bonafini conta como surge a Universidade Popular e como essa ideia foi se consolidando, até ser autorizada provisoriamente pelo governo Kirchner, através do Decreto Presidencial nº 751/2010, por um período de seis anos, de acordo com a atual Lei do Ensino Superior:

Sempre pensamos numa universidade, uma universidade popular que vai nos colocar em outros círculos para ensinar, educar e formar, porém uma universidade que seja diferente das demais que tenha muito trabalho com o território, que os meninos que vivem na pobreza e possam ser iguais aos demais e outros, que possamos reconhecê-los, que todos possam estudar. (Bonafini, 2019)⁴

A Universidade Popular torna-se concreta e novos desafios se apresentavam para as Madres, como o de deixar de ser uma universidade “clandestina”, para ser autorizada por um governo⁵ que estava muito próximo politicamente da Associação das Madres.

Assim, também não é possível fazer uma universidade clandestina porque já estávamos organizados e porque juntos, tínhamos muita coragem. Tivemos na inauguração da Universidade Popular, a presença do Reitor da Universidade de Salamanca, da sua esposa e do vice-reitor e os demais, e isso garantia a legalidade da universidade. (Ibidem, 2019)⁶

A presença de universidades internacionais, intelectuais e diversos movimentos sociais, garante um certo respaldo para o início dos trabalhos da Universidade das Madres, que buscava a legalização da sua instituição, como argumenta Bonafini (2019)⁷:

Os diplomas, fazíamos as Madres e não tinha nenhum valor, o valor é o que era ensinado com os professores da universidade das Madres, foi quando Néstor e Cristina nos proporcionou a legalização da universidade, dissemos que sim, ficamos felizes por isso e bom se legalizou.

Os diplomas, nos primeiros anos da Universidade Popular das Madres de Plaza de Mayo, têm o valor das experiências de vida e educativas dos professores que vão se dispor, mesmo ensinando em outras universidades, sobretudo públicas, a construir uma outra possibilidade de espaço de saber para o ensino superior, com o peso da luta histórica das Madres. Mas, segundo Gáston Catroppi, nosso entrevistado e Presidente do Centro de Estudantes do Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo (CEIUNMa), “A Universidade Popular tinha um convênio com a Universidade de San Martín, que validava os diplomas do curso de Trabalho Social, e muitos estão trabalhando”. (Catroppi, entrevista gravada, 2019).⁸

A autorização para funcionamento vem em 2010, e esse processo contribui para um novo momento da Universidade, que terá a permissão governamental para ingressar no sistema universitário argentino com uma proposta educacional popular, emancipatória e inclusiva, e uma visão política latino-americanista e transformadora das relações sociais de exploração e opressão.

Como quem gera um filho, nasceu a Universidade das Mães Populares da Plaza de Mayo. Os amigos perguntaram às mães “e agora?”, Da mesma forma que um casal é perguntado quando o bebê virá. Então, um dia, nos juntamos a Osvaldo Bayer, Sergio Schoklender e eu, juntamente com alguns professores, e começamos a pensar a Uni-

4 Texto traduzido durante pesquisa de campo em 2019.

5 Para Rebuá (2015), essa aproximação política das Madres de Plaza de Mayo com os governos Kirchners (Cristina e Néstor), ao mesmo tempo que possibilita benefícios para as Madres, com a autorização de funcionamento da universidade popular, arrefece as críticas a esses governos e essa postura política, também, acontece no Brasil com o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra e o apoio do governo Lula para a Escola Florestan Fernandes.

6 Texto traduzido durante pesquisa de campo em 2019.

7 Texto traduzido durante pesquisa de campo em 2019.

8 Tradução entrevista gravada, pesquisa de campo 2019.

versidade. Claro, com todos os medos de novas mães. Nascerá sã? nos perguntamos, saberemos como criá-la, teremos comida suficiente para ela? Por mais de seis meses, trabalhamos incansavelmente, principalmente Sergio. Seu corpo estava crescendo e, em 6 de abril de 2000, essa garota chamada Universid finalmente nasceu. Ela nasceu saudável, forte, com cinco carreiras e mais de cem professores, que amavam essa garota de todo o coração, com mais de 200 estudantes esperançosos. Hoje a Universidade faz cinco anos. Como toda criança que cresce rapidamente, a Universidade tem seus caprichos. Ela lutou com alguns de seus amiguinhos que queriam tirar seus brinquedos, livros, mas essa garota sabia como se defender, porque ela aprendeu que deveria compartilhar que é, mas impedir que eles o tirassem. Os professores amaram essa garota e com grande respeito a ajudaram, e a ajudaram a crescer; outros amigos a mantêm limpa e arrumada. Ela tinha outros irmãos, a Biblioteca, a Videoteca e até um priminho, que é a Imprensa das Madres. Seus irmãos mais velhos são o Café Literário Osvaldo Bayer e a Livraria, que a rodeiam e a acompanham. E assim, nós, suas mães, como todas as mães, a protegemos, a abraçamos e a ajudamos a crescer livre e forte. Nossos filhos, os desaparecidos, aqueles que nasceram quando éramos jovens, amavam conhecer, nos ensinaram a amar a vida através da educação, através da solidariedade, que nada mais é do que entregar a vida a uma causa, a causa da revolução, a causa do socialismo. Neste aniversário, já sonhamos em ter outra menina, a escola primária, e também um irmãozinho chamado Jardim. Somos uma grande família crescendo juntos. (Bonafini, 2005, p. 01, tradução nossa).

Essa fala de Bonafini sobre a fundação da universidade popular e a comemoração dos seus cinco anos, mostra a forma materna e carinhosa como as Madres pensavam a universidade, e reforça o que foi lido sobre a importância desse espaço para a educação popular. As Madres parem a sua filha caçula, a sua filha ligada às questões do saber, do conhecimento teórico, mas sobretudo prático, empiricamente enraizado em solo popular, em matrizes de resistência à ditadura que deixou um rastro de violência enorme na sociedade Argentina. Bonafini (2019) também fala sobre a importância

da pedagogia freireana para a Universidade Popular de Plaza de Mayo:

A importância é que a pedagogia de Paulo Freire é diferente das pedagogias autorizadas pelo governo, pois as literaturas são muito arcaicas e parecem ensinar sempre as mesmas coisas, e se perde muito tempo com coisas que não são necessárias, e falta incorporar outras. Falta muita humanidade nas carreiras, tanto em medicina, quanto em trabalho social e nos professores. Falta muita humanidade e ademais não se sentem trabalhadores, sentem que são uma elite, e não é assim. Tudo isso temos que romper para que haja um enfoque, se não é muito difícil, pois os alunos se sentem como aqueles professores mais altos, é muito triste isso. A pedagogia de Paulo Freire nos serve para mudar essas coisas. (Bonafini, entrevista filmada, 2019)⁹

A Universidade Popular deu-lhes novos filhos e filhas, ou netos e netas. Essa etapa da luta possibilita uma renovação dos horizontes das Madres. Esse passo histórico será fundamental para construir ou recuperar valores atacados e silenciados pela ditadura. Outro discurso importante foi proferido pela Reitora em exercício na época, a professora Inés Vázquez, que, durante as comemorações pelos dez anos da Universidade Popular, tece as seguintes considerações:

Esses dez anos de Universidade Popular foram todos de crescimento, abertura, encontro com cada vez mais irmãos e irmãs no sonho do socialismo e da libertação. Passamos por conflitos e, certamente, por isso, crescemos e aprofundamos nosso ser. Eles nos saquearam e continuamos, eles nos ameaçaram e nenhuma classe se levantou, eles tentaram nos isolar por nossas opiniões anti-imperialistas e encontramos o melhor das forças insurgentes de Nossa América, e recebemos Chávez, Correa, Lugo, Evo e os cubanos e cubanas que debatem e constroem sua revolução dia após dia. (Vázquez, 2010, p. 01, tradução nossa).

Os dez anos foram de muita luta e resistência, mudanças históricas, divergências com pessoas queridas, companheiros e companheiras de outras lutas que deixaram o projeto da universidade, enquanto novos apoiadores

⁹ Tradução entrevista filmada, pesquisa de campo, 2019.

surgiram. A universidade teve presenças de personalidades políticas históricas da América Latina, e esse espaço foi se consolidando como um centro aglutinador de debates, reflexões e ações sobre os rumos dos movimentos sociais, dos governos progressistas e da educação popular no território latinoamericano.

A Universidade Popular das Madres de Plaza de Mayo é uma Casa de Estudos, uma fraternidade combativa. (Vázquez, 2010). Depois dos dez anos de fundação, a universidade popular proposta pelas Mães da Plaza de Mayo, já autorizada provisoriamente e em fase de reconhecimento institucional, terá outros desafios, que vão determinar a contribuição da universidade para a continuidade da luta por uma educação transgressora que fortaleça a intervenção social e o poder do povo, numa perspectiva de poder como *potentia* preconizada por Dussel (2007). Teríamos, então, mais dez anos de luta e resistência? A universidade teria sua autorização definitiva? A universidade daria um passo grandioso, ousado e, também, perigoso, pois em 22 de outubro de 2014, o Secretário Acadêmico da Universidade Popular das Madres de Plaza de Mayo, Germán Ibañez, anunciava que a universidade se transformaria em Instituto Nacional de Direitos Humanos. Veja nota:

Na quarta-feira, 22 de outubro, a Câmara dos Deputados da Nação, em uma sessão especial para discutir diferentes projetos educacionais, deu sanção final à lei que cria o Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo. Queremos compartilhar com todos a imensa alegria que, para as Mães e todos aqueles que integramos a comunidade acadêmica da UPMPM, implica a realização desse sonho tão esperado. Um sonho que responde à presença e força diárias das mães. Um Instituto Universitário que também apoia a vontade e a visão estratégica do projeto nacional e popular liderado por nossa Presidente Cristina Fernández de Kirchner. Estudantes, trabalhadores, professores e autoridades celebramos com nossas queridas Mães e nos comprometemos a continuar trabalhando. (Ibañez, 2014, p. 01, tradução nossa).

A Universidade Popular das Madres de Plaza de Mayo terá novos desafios para os próximos períodos, com a transformação em Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos (IUNMa). Essa mudança será importante, também, do ponto de vista financeiro, pois o Instituto seria tutelado pelo Ministério da Justiça e Direitos Humanos¹⁰. De acordo com Rebuá (2015), a mudança para Instituto, além de realizar um sonho antigo das Madres, amplia as ações da universidade popular com a criação em 2015, de novas graduações, o Bacharelado em Comunicação e do curso Técnico de Jornalismo, além de tornar a luta das Madres mais forte e expressiva na sociedade argentina e no mundo. O Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo, tem como princípio fundamental a formação acadêmica no âmbito de uma defesa irrestrita dos direitos humanos, como um todo harmônico com o regime democrático e republicano da República Argentina. Seus objetivos correspondem, então, ao que está estipulado na área dos direitos humanos.

Esse desafio estava posto e a universidade popular, que fazia sua transição para instituto universitário, gozaria de outras atribuições e teria o Governo Federal como principal mantenedor. Esse cenário irá provocar profundas transformações na ideia original¹¹ de universidade pensada pelas Madres, pois o cenário político começa a se modificar em 2015, um governo com outro projeto político ganhará as eleições e a gestão do Instituto Universitário de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo será disputada.

¹⁰ Ver Rebuá (2015, p.307).

¹¹ Um dia, estávamos numa reunião das Mães, quando Hebe disse entusiasmada: Madres, o que lhes parece se abriremos uma universidade? Outras disseram: que barbaridade, como vamos abrir uma universidade se a maioria de nós não temos diploma universitário? Foi quando de forma surpreendente Hebe disse: nós seríamos o coração da universidade, vamos buscar gente qualificada para fazer o projeto andar. Conversamos e pensamos muito nessa ideia, muitas achavam uma ideia louca, mas embarcamos na loucura de Hebe e começamos a discutir a criação da Universidade das Madres que pudesse ser crítica e emancipadora. A universidade nasce dessa forma. (MADRE, entrevista impressa, 2020).

A Universidade das Madres e as suas transições para Instituto Universitário e Universidade Nacional

A ideia inicial de criar uma Universidade Popular e depois de fazer uma transição para o Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo dialoga com a perspectiva de consolidar escolas, universidades que centrem sua ação no humano e na sua emancipação. Em entrevista para a pesquisa em janeiro de 2019, com integrantes do Centro de Estudantes do Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo, (IUNMa), Gáston Catroppi, Presidente do Centro Nacional de Estudantes e Adrian Dubinsky, secretário de relações internacionais, ambos acadêmicos dos cursos de Trabalho Social e História, respectivamente, eles relatam como foi o processo de transição da Universidade Popular para o Instituto e quais as nuances desse processo. Nos trechos iniciais da entrevista, ambos falam sobre a importância da transição da Universidade para o Instituto:

A transição de Universidade Popular para Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres De Plaza de Mayo foi importante não apenas para a saúde da instituição, mas, também, para os estudantes, professores, para a cidade, pois a sociedade argentina marcada pela ditadura, ter um instituto que discute os direitos humanos é importante, pois as Madres durante todo esse processo estavam nas ruas lutando e sendo perseguidas. A universidade das mães é um sonho que se tornou realidade, elas sempre pensaram que a melhor forma de resistir e transcender era formando politicamente companheiros que conheceram a luta. (Dubinsky, entrevista gravada, 2019)¹²

A posição inicial era que o processo de transição da Universidade Popular para Instituto Universitário de Direitos Humanos seria importante para sanear as dívidas da Univer-

sidade e, também, para a ampliação da luta. A universidade pensada para formação de quadros políticos poderia, em formato de instituto, ser mais propositiva e ter um alcance maior em sua ação político-educativa. A Universidade Popular, desde sua fundação até a transição para Instituto Universitário, segue cumprindo seu papel de espaço privilegiado de “parição” de outros filhos, filhos políticos, filhos como os próprios Catroppi e Dubinsky.

Mas, entre as razões para esse processo de transição, temos, também, a aproximação das Madres de Plaza de Mayo dos governos Kirchner (Néstor e Cristina) como frisou anteriormente Rebuá (2015). Essa relação, de acordo com Dubinsky (2019), é fundamental para perceber as transformações políticas entre as Madres e dentro do próprio kirchnerismo/peronista.

Em 2000, surge a universidade popular, muito popular, com bons professores, mas ainda muito pequena. No ano de 2006, 2007, começaram a ter mais formação, mas no ano de 2003, 2004, foi quando as Madres deixam de fazer a Marcha da Resistência, isso é simbólico, pois a praça é o lugar das grandes manifestações do povo argentino, o lugar da revolução de 1810, o lugar onde Perón discursou para as massas, o lugar dos protestos das Madres que falam para o mundo inteiro que seus filhos foram sequestrados. Então elas deixam de fazer a Marcha da Resistência, pois entendem que tem um governo que abraçou suas propostas históricas e não fazia mais sentido a marcha. (Dubinsky, entrevista gravada, 2019).¹³

As Marchas da Resistência são manifestações públicas organizadas pelas Madres de Plaza de Mayo e vários outros movimentos sociais, desde 1981. A Marcha reivindica os direitos humanos e a luta contra a ditadura civil-militar (1976-1983).

Deixamos de fazer as Marchas da resistência quando chegou Néstor, porque as Marchas da Resistência fazemos todo fim de ano, vinte e quatro horas caminhando sem parar para reclamar do governo, porém quando chegou Néstor não tínhamos o que reclamar, ao contrário, tínhamos todo o tempo, ele e Cristina. Então, não podíamos fazer

12 Tradução entrevista pesquisa de campo, 2019.

13 Tradução entrevista pesquisa de campo, 2019.

outra coisa, suspender a Marcha da Resistência. (Bonafini, entrevista gravada, 2019)¹⁴

A própria Hebe de Bonafini (2019), assume que a Associação das Madres de Plaza de Mayo deixa de realizar a Marcha da Resistência durante o período dos governos Kirchner, e retoma as Marchas no início do governo Macri, em 2015. Em 29 de novembro de 2019, as Madres realizam a última (31ª) marcha desse período, pois a vitória eleitoral de Alberto Fernandez (aliado político das Madres) e a sua posse, em dezembro de 2019, refaz o pacto entre as Madres e o peronismo. Outro depoimento importante sobre as marchas e a democratização da sociedade argentina foi colhido numa entrevista com uma colaboradora da Associação das Madres de Plaza de Mayo, que aqui será denominada de Paz¹⁵, e apresenta a seguinte opinião:

A luta pela democracia é sempre intensa com as mães, de acordo com quem esteja no poder, mas durante o governo Macri, era muito mais conflituoso, voltamos à marcha da resistência porque consideramos que o inimigo estava na casa do governo. Quanto aos direitos humanos, tão desconsiderados pelo governo anterior e por algumas agências, decidimos conversar sobre a luta política, pois, como diz Hebe prefiro gastar meu tempo ajudando crianças com fome para que elas possam comer e não me esforçar para prender um milico. (Paz, 2019)¹⁶

Durante o governo Macri, as Madres terão que retomar o processo de resistência política contra o projeto neoliberalizante das elites argentinas que rompe o ciclo de poder kirchnerista e irá interferir diretamente em grande parte das políticas desenvolvidas por esse bloco político. Para Catroppi (2019), a nacionalização ou institucionalização da Universidade Popular, também, fazia parte das intenções do governo Kirchner e esse interesse comum resultou na transformação da Universidade em

algo mais ampliado, com dimensões e gestão nacionais. Governo e Associação das Madres de Plaza de Mayo constroem juntos a proposição do Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos.

Néstor se declara unido às Madres de Plaza de Mayo e começou a reivindicar um monte de lutas populares e vincular a agenda do governo, dentre essas questões a própria nacionalização da universidade popular é parte das ações do governo de Cristina Kirchner. Então, a nacionalização da Universidade Popular foi parte da intenção do governo e passa a fazer parte de uma política de Estado quando se institucionaliza, por isso a universidade popular passa a ter uma amplitude maior como parte do sistema nacional. (Catroppi, entrevista gravada, 2019)¹⁷

O projeto de Universidade Popular, com o estreitamento das relações políticas entre as Madres e os governos de Néstor e Cristina Kirchner, vai se consolidando como uma grande aliança entre movimento social e governo, e isso será motivo de críticas às Madres por outros setores da sociedade e de movimentos sociais também. Para Dubinsky (2019), o processo político que se estabelece entre 2003 e 2015, redefine, mesmo com críticas aqui e acolá, o projeto de longo prazo de universidade nacional.

Esse projeto educativo não eurocêntrico, não positivista, não enclaustrado, para dentro, mas de porta para fora, a universidade popular, é pertinente pensar, é popular, e toda educação deveria ser popular e não de elite. A única concepção é que a educação deve ser popular, além disso, para compreender porque a Universidade Popular da Plaza de Mayo termina sendo o Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo, tem a ver com o processo político de muitos anos. (Dubinsky, entrevista gravada, 2019)¹⁸

A proposta de pensar uma universidade popular e ademais, um Instituto Universitário Nacional que pudesse ampliar esse horizonte, nacionaliza o projeto de ensino superior e demarca uma ideia de construção coletiva de

14 Tradução entrevista pesquisa de campo, 2019.

15 Nossa colaboradora prefere manter sigilo do seu nome por conta do desgaste criado em torno da perda de influência das Madres no Instituto Nacional Universitário de Direitos Humanos.

16 Tradução entrevista pesquisa de campo, 2019.

17 Tradução entrevista pesquisa de campo, 2019.

18 Tradução entrevista pesquisa de campo, 2019.

conhecimento. A universidade é um projeto político das Madres que se tornou robusto com a criação do Instituto. Um dos grandes problemas de análise política de toda essa proposta para a educação popular na Argentina, é que o Kirchnerismo não consegue vencer as eleições de 2015 e um candidato com uma agenda nitidamente neoliberal, representando os setores da direita argentina, acaba vencendo o pleito eleitoral e complicando por demais os planos da aliança Madres/Kirchner. Mauricio Macri torna-se presidente em dezembro de 2015, e esse será o cenário que as Madres terão de vivenciar.

Teremos, então, uma interrupção dessa política de aproximação entre movimento social e governo, e as Madres vão se posicionar contra o governo Macri. Assim, o governo de Mauricio Macri também terá uma postura de interferência política no Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo.

A conjuntura política muda e os próximos quatro anos de governo serão difíceis para as Madres e para a educação na Argentina. A agenda de reformas neoliberais¹⁹ irá se impor como forma de subserviência deste governo aos organismos, internacionais, a exemplo do Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial e Organização Mundial do Comércio (OMC), que projetam essas reformas para os países subalternizados politicamente. A vitória de Mauricio Macri em 2015 na Argentina, apontava para o fortalecimento dessa agenda de exclusão a partir das reformas propostas pelo neoliberalismo. Esse contexto tornava duvidoso o futuro do Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo.

19 "O presidente da Argentina, Mauricio Macri, assumiu o posto em dezembro de 2015 prometendo trazer o liberalismo de volta à Argentina, e cumpriu. A crise está de volta e o FMI também. A eleição de Macri veio em reação aos 12 anos dos governos peronistas de Néstor e Cristina Kirchner, defensores de políticas nacionalistas e desenvolvimentistas com protagonismo do Estado argentino entre 2003 e 2015". (Cardia, 2019, p. 01).

A apropriação do Instituto das Madres pelo governo Macri: O fim ou o começo de uma outra história?

O governo Macri foi danoso para a educação. A política neoliberal de ajuste nas contas públicas, e cortes no ensino básico e nas universidades públicas, vai produzir greves e manifestações contra o governo em todo o país desde o começo do seu mandato. A atitude do governo de Mauricio Macri não seria diferente com o Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo e, em 2017, consolida sua investida contra o Instituto, promovendo uma intervenção político pedagógica que culmina com a saída do reitor.

A tomada começou na noite de 12 de junho, horas depois que o Ministério da Justiça notificou o então reitor da IUNMA, Germán Ibañez, que seria substituído por um reitor normalizador, o juiz contra-ordenador Javier Buján, que teve que abandonar a intervenção do Inadi, onde havia imposto um severo ajuste orçamentário que incluía demissões e encerramentos de programas. (Diaz, 2017, p.01, tradução nossa)

Desde então, a situação no IUNMA foi se complicando, as aulas sendo ministradas em salas improvisadas em espaços doados por organizações sociais e sindicatos, impondo-se uma política de cortes salariais e de orçamento pelo governo nacional, acrescentou o oficial. Esse tipo de política compromete o trabalho do Instituto e o legado das Mães da Praça de Maio, que viabilizou essa ideia de uma educação pública, de qualidade e comprometida com o desenvolvimento social. Para os estudantes e ex-estudantes que estão na luta do movimento estudantil, mesmo com as mudanças promovidas pelo governo, os professores e educandos devem lutar para manter o legado das Madres de Plaza de Mayo.

Antes da troca do governo, não percebemos nenhuma mudança na vida universitária, pois tínhamos os mesmos professores, funcionários, mas as Mães nesse momento tinham se afasta-

do da universidade, mas a presidenta honorária continua sendo Hebe de Bonafini, pra gente que é estudante, continua sendo Hebe de Bonafini, a gente continua ligado às Madres, faz parte da nossa formação de base, nossa formação além de acadêmica, formação moral. O que aconteceu é que nesse momento a universidade já ganhou vida própria como qualquer universidade autônoma, mas tendo como reitora moral e política as Madres e ainda para os estudantes continua sendo assim, não tem nada a ver com o fato de que, o atual reitor da universidade opera a política dos Macri que perseguem politicamente às Madres, inclusive acionando a Justiça. Agora, o que fazemos nós que estudamos, que estamos lá no Instituto? Nós escolhemos continuar brigando, continuar lutando. (Dubinsky, entrevista gravada, 2019)²⁰

Para o movimento estudantil, as Madres continuam sendo a referência moral e política do Instituto, mesmo com o seu afastamento. A luta por dentro da instituição é a ação política concreta dos estudantes os quais acreditam que não devem perder de vista os princípios históricos das Madres que são: luta por direitos humanos e democratização da sociedade argentina.

É preciso pensar os direitos humanos, a partir da história de resistência das Madres e da ideia de criar uma universidade de grande resistência. A luta das Madres é de mais de quarenta anos e num momento muito difícil da história argentina, no período da ditadura militar. Hoje, estamos vivendo um período de transição na Argentina e também no Brasil, nós que chegamos na universidade, somos parte do tecido social e popular da Argentina e, por isso, a universidade deve ser um espaço de luta e resistência. Lutamos para conservar o espírito da universidade, sua proposta pedagógica, pois no atual momento estão fazendo intervenções em todas os cursos, sobretudo no curso de Trabalho Social, tentando retirar a perspectiva crítica da nossa formação, mas temos que resistir. (Gastón, entrevista gravada, 2019)²¹

A luta pela preservação do legado político-pedagógico das Madres é reiterada por Dubinsky e Gastón, que estão na militância do Centro de Estudantes do Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos Madres de

Plaza de Mayo (Ceinma). Mas, enquanto os estudantes defendem essa posição de disputar posição por dentro do Instituto, as Madres defendem outra posição política, e entendem que a melhor ação seria o afastamento do Instituto. Bonafini entende que não há mais nada a fazer, pois o Instituto foi completamente tomado pelas forças opressoras de Mauricio Macri. As Madres ficaram muito machucadas com tudo que foi feito no Instituto, no projeto que elas pensavam ser uma proposta de Universidade Nacional que disputaria uma concepção de ensino superior em todo país.

Bonafini (2019) afirma, em entrevista, que não há mais possibilidade de atuação no Instituto e, diferentemente dos militantes do movimento estudantil, resolvem seguir por outros caminhos. As Madres passam a desenvolver outros trabalhos de educação na própria Associação com apoio de intelectuais e políticos próximos. A ação das Madres, mesmo com a apropriação do Instituto pelo governo Macri, não parou de acontecer.

Hoje estamos fazendo cursos de filosofia e cursos de pós-graduação em torno da área de medicina e medicamentos, com o ex-ministro de Cristina. Fazemos pequenos cursos de educação popular, fazemos muitos livros, revistas também, e sempre trabalhamos com a comunicação, na praça temos um programa de televisão que tem onze anos já aos sábados pela manhã. Estamos aí lutando. (Bonafini, entrevista gravada, 2019)²²

As Madres seguem na luta, mas desistiram do Instituto e, de acordo com Paz (2019), a percepção sobre essa posição política está tão bem definida que “as atividades educacionais das Madres ainda estão sendo organizadas após a perda da Universidade devido à administração do governo Macri, que praticamente a quebrou” (Paz, 2019)²³.

Para Paz (2019), que fala a partir de uma concepção desenvolvida na Associação das Madres de Plaza de Mayo, a universidade foi destruída pelo governo de Mauricio Macri e, por isso, era preciso buscar e construir outras

20 Tradução entrevista pesquisa de campo, 2019.

21 Tradução entrevista pesquisa de campo, 2019.

22 Tradução entrevista pesquisa de campo, 2019.

23 Tradução entrevista pesquisa de campo, 2019.

ações. A Universidade Popular, na fala de Dubinsky (2019), tem uma presença grande de pessoas da classe trabalhadora ou trabalhadores, isso reforça o caráter popular da instituição. Outro elemento é a forma que as Madres criaram para integrar pessoas na Universidade que não tinham o ensino secundário e como o governo Macri começa a alterar essa política, quando promove uma série de intervenções no Instituto, como: a) nomeação de um outro reitor; b) corte de gastos; c) atraso de salários e demissão de professores; d) revisão do currículo baseado (desde a sua fundação em 1999) nos direitos humanos.

Além de todas essas ações, o governo Macri autorizou invasão na Fundação das Madres com o intuito de processar e prender Hebe de Bonafini, e o Secretário de Direitos Humanos (à época) Claudio Avruj, disse que não havia 30.000 pessoas desaparecidas durante a ditadura civil-militar de 1976-83. Esse governo tentou negar a história e buscou uma mudança na política de direitos humanos. Terminado o processo eleitoral que culminou com a vitória de Alberto Fernández, é interessante discutir com professores, estudantes e as próprias Madres sobre a retomada da influência no Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos. A tese do Centro de Estudantes (CEIUNMa), de resistir por dentro do Instituto e não abrir mão do legado das Madres de Plaza de Mayo, surtiu efeito, pois o primeiro obstáculo, o governo Macri, foi derrotado.

Sobre a retomada do Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos pelas Madres de Plaza de Mayo, Catroppi (2019) informa que:

É possível que as Mães voltem a patrocinar politicamente o Instituto, talvez seja mais um desejo dos alunos que isso ocorra novamente, uma vez que, na realidade, elas não têm muito interesse em que isso aconteça, elas expressaram sua intenção de não voltar ao instituto depois do que aconteceu nos últimos anos. Mas estamos na expectativa de que nossos companheiros, que agora são funcionários públicos, possam persuadi-las e convencê-las. (Catroppi, entrevista via e-mail, 2020)²⁴.

24 Tradução entrevista pesquisa de campo, 2020.

As Madres ficaram muito magoadas com tudo que foi feito com elas durante a gestão Macri. Em entrevista, Paz (2019), uma das colaboradoras da Associação, disse que as Madres foram desrespeitadas e que seria muito difícil retornar para o Instituto. Essa posição reforça a informação apresentada por Catroppi, que as Madres praticamente perderam o interesse pelo Instituto e que os professores, estudantes e funcionários da instituição terão um papel importante para convencê-las da necessidade histórica de retomada da relação entre mães e filhos.

Catroppi (2020) também informa que a vitória e a posse de Alberto Fernández na presidência argentina podem modificar o cenário político pedagógico do Instituto Nacional de Direitos Humanos Madres de Plaza de Mayo. A mudança política na Argentina, com reestabelecimento do Peronismo, barrou o projeto da direita neoliberal que estava deteriorando as políticas públicas do país e comprometendo, principalmente, a educação. A vitória de Alberto Fernández (2019-2023) para presidência começa a restabelecer o diálogo com a Madres da Praça de Maio e em 2023, o Senado e a Câmara dos Deputados da Nação Argentina, reunidos no Congresso, aprovam a Lei 27.731 que cria a Universidade Nacional das Madres de Plaza de Mayo, com sede na Cidade Autônoma de Buenos Aires (CABA), sendo constituída com base no atual Instituto Universitário Nacional de Direitos Humanos, Madres de Plaza de Mayo.

Universidade Nacional de Madres de Plaza de Mayo e os novos desafios

A transição do Instituto para Universidade Nacional das Madres de Plaza de Mayo não será meramente formal, esse processo contribui para proteger a instituição de ensino superior, fundada pelas Mães da Praça de Maio, dos ataques que possam ser feitos por governos negacionistas e inimigos dos interesses populares.

A Lei 27.731 que cria a Universidade Nacional das Madres de Plaza de Mayo proporcionará à Universidade maiores graus de autonomia acadêmica, funcional e orçamentária. Este novo momento reaproxima e homenageia a rica e única experiência de luta da Associação Mães da Praça de Maio, para que possa ser objeto de estudo e, essencialmente, motivo de orgulho e inspiração para futuras lutas populares argentinas. É bom salientar que as formações permanecem como no instituto, Advocacia, Licenciatura em Trabalho Social, Licenciatura e Bacharelado em História, Licenciatura em Comunicação e Licenciatura em Ciência Política.

Durante o governo de Alberto Fernandez (2019-2023) esse projeto foi se fortalecendo até a aprovação da lei e a consolidação da Universidade Nacional. Após mais uma derrota do peronismo para a extrema direita de Javier Milei, a perseguição aos movimentos sociais e universidades é retomado. O povo argentino foi para as ruas em abril de 2024 para questionar o boicote do governo Milei a educação, a Marcha Nacional Pela Educação mobilizou grande parte da sociedade e a Universidade Nacional da Madres de Plaza de Matyo, lançou o abaixo assinado em solidariedade ao movimento e pela garantia de recursos para educação.

O sistema universitário público argentino é objeto de um ataque sem precedentes na história democrática argentina. O governo do presidente Javier Milei submete as universidades à asfixia orçamentária ficando quase à beira do fechamento; enquanto questiona sua orientação acadêmica, cultural e social e agride e desacredita ao conjunto da comunidade universitária e científica do país. Esta política, foi massivamente repudiada pela sociedade argentina no dia 23 de abril de 2024, dia em que se realizou a Marcha Nacional Educativa e mais de um milhão de cidadãs e cidadãos se manifestaram no país todo em defesa da educação pública, gratuita, democrática e de qualidade e do sistema científico argentino, internacionalmente reconhecido pela qualidade e seriedade de suas contribuições e desenvolvimentos. (UNMA, 2024, p. 01)²⁵

25 Texto do abaixo-assinado. Ver em: <https://forms.gle/hxsh88faf6Nwaas5>

O momento atual é de muita luta e o papel da universidade nacional é participar e organizar essa resistência contra esse governo de extrema direita que tenta submeter o povo às suas insanidades. As Madres da Praça de Maio, que lutaram contra a ditadura (1976-83), tornam-se referências para a luta pelos direitos humanos e pela democracia. Atualmente, junto com a Universidade Nacional, lutam por educação popular, pública e de qualidade, que tem sido negada pelo anarco-facismo-capitalismo de Javier Milei.

Resultados

Tive a alegria de ter conhecido as Madres de Plaza de Mayo e os Hermanos da Universidade Nacional e tendo percebido que o Brasil é parte importante da América Latina, da América do Sul, precisamos entender a importância dessa condição. Nós não estamos fora da América Latina, mas, às vezes, parece que não fazemos parte dela.

É preciso fortalecer esses vínculos de irmandade. Nesse sentido, a Universidade do Estado da Bahia, através do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC) e do grupo Pensamento e Contemporaneidade, coordenado pelo Professor-Doutor Luciano Santos, busca promover um processo de intercambiação político-pedagógica com a Universidade Nacional das Madres de Plaza de Mayo, e também com a Associação das Madres, para a construção de atividades de pesquisa e de formação entre estudantes, professores e artistas.

Em novembro de 2023, recebemos a visita de Gaston Catroppi, ex-dirigente do movimento estudantil na Universidade Nacional e atualmente licenciado em Trabalho Social. Durante a estadia de Gaston, fizemos um encontro com os integrantes do grupo de estudos Pensamento e Contemporaneidade, os professores Stella Rodrigues, Luciano Santos e Flavio Novaes da SERINT (Secretaria Especial de Relações Internacionais). Esse encontro criou um grupo de

trabalho para consolidar uma parceria entre a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e a Universidade Nacional das Madres de Praça de Maio (UNMA). A partir dessa iniciativa, vamos fortalecer a ideia de estimular a criação de universidades populares na América latina.

A criação dessa parceria projeta um aprendizado sobre a Educação e América Latina, assim teremos um momento para discutir questões de interesse sobre educação popular e contemporaneidade. A pesquisa não encerra o assunto e nem poderia. Este artigo tem o interesse de estimular mais estudos sobre o tema e apoiar todas as iniciativas de construção de universidades populares na América Latina. Essas experiências são viáveis, ambientalmente saudáveis, politicamente possíveis. Esperamos que os movimentos sociais e aqueles que sonham com um outro mundo mais solidário, mais humano, possam “arregaçar as mangas” e acreditar na viabilização desses espaços, desses encontros, dessa alternativa de educação popular para encarar o futuro, fazer frente a esse tempo de avanço do ódio, da intolerância, de posições neofascistas em várias partes do mundo.

As Universidades Populares são possibilidades para se pensar e fazer uma outra universidade, uma educação do encontro, da partilha, do aconselhamento, das trocas de experiências, da avaliação e autoavaliação, da democracia e da ética como princípios, do respeito incondicional às escolhas e opções do outro. A Universidade Popular é a potência necessária para organizar as lutas dos excluídos na cidade e no campo, dos afrodescendentes, indígenas, mulheres, comunidades LGBTQIAPN+, das pessoas com deficiências, dos idosos, dos “Condenados da Terra”, como discute Fanon (1979) em sua obra, fundamental para entender os efeitos devastadores da colonização.

Para Fanon (1979, p. 172), “cada geração deve, numa relativa opacidade, descobrir sua missão, executá-la ou traí-la.” Digo que, nesse momento histórico tão difuso, híbrido, difícil, nossa missão é criar e estimular o surgimento

de Universidades Populares. Façamos, então, o que o tempo histórico exige e: “atenção, tudo é perigoso, tudo é divino maravilhoso, atenção para o refrão: é preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte”. (VELOSO, 1969). Sejam resistências sempre! Salve as Madres de Plaza de Mayo, salve a Universidade Popular, salve a América Latina.

Considerações finais

O exemplo da Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF) nos estimula a pensar a criação de Universidades Populares no Brasil. A Escola Nacional Florestan Fernandes, idealizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), é uma instituição de ensino voltada para formação acadêmica, técnica e política dos trabalhadores do campo, daqueles que nasceram nas terras que cultivam, que amam, que têm uma ligação profunda de amor ao seu povo e seu lugar. Essa escola criada em 2005 é uma das grandes referências para se pensar a proliferação de Universidades Populares no Brasil. É preciso converter espaços de formação técnica, acadêmica, artística, esportiva, cultural, em Universidades Populares, em lugares de valorização da experiência, do sentido da vida do povo.

Durante décadas, os movimentos sociais, aqueles diretamente ligados à educação, organizaram-se através da criação de escolas comunitárias, cursos técnicos e, na década de 1990, chegaram os cursos pré-vestibulares que eficazmente promoveram a entrada de estudantes de escolas públicas em diversas universidades brasileiras e estrangeiras. Os cursos pré-vestibulares comunitários vão pressionar positivamente para a consolidação da política de cotas que enegrece lindamente as universidades e faculdades desse país. Sem os cursinhos pré-vestibulares e a política de cotas, não teríamos hoje uma transformação étnico-racial-social e política do ensino superior. A universidade começa a ser diversa, pois houve um aumento significativo da presença

dos afrodescendentes, indígenas, mulheres, gays, lésbicas, travestis, transexuais e assexuais. Enfim, a universidade do século XXI é mais diversa e plural do que no passado, e a luta dos movimentos sociais foi decisiva para mudar esse quadro.

Estamos falando de uma política que começa no início dos anos 1990 do século XX e, depois de trinta anos, percebemos as transformações desse processo para a classe popular. Agora chegou a hora das Universidades Populares! As experiências, saberes e fazeres dos movimentos sociais, culturais, religiosos, artísticos desse país, precisam “subir o sarrafo”, ou seja, elevar o patamar das suas experiências e reconhecer a importância das suas ações históricas que contribuem, sobremaneira, para a construção de valores e práticas humanitárias nas periferias do Brasil.

As Universidades Populares já estão por aí e fazem a diferença com música, poesia, teatro, artes plásticas, cursos técnicos, de artesanato, escolinhas de futebol, educação ambiental, cursos pré-vestibulares, quilombos educacionais (exclusividade da Bahia esta nomenclatura, motivada pela relação com a história de nossas comunidades advindas de quilombos históricos), escolas comunitárias, museus de arte popular, entre outras iniciativas, que tornam a periferia um espaço privilegiado de produção de conhecimento e socialização de saberes, o que Boaventura de Souza Santos (2010) chama de Ecologia dos Saberes e o mestre Paulo Freire intitulou de Educação Popular, Pedagogia do Oprimido (2015) que, aos poucos, transforma-se em Pedagogia da Esperança (1992), Pedagogia da Autonomia (1996) e que podemos “renomar” como Universidade dos Saberes e Experiências Populares, universidade viva que lida com o sentido da existência das pessoas, universidade da práxis de Marx²⁶ (2004)

26 Marx entende a práxis como uma atividade eminentemente humana, essa atividade é prático-crítica, pois é sensível, subjetiva e consciente para o ser humano. “Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diferentes maneiras; mas o que importa é transformá-lo.” (Marx, 2004, p. 120).

e Vásquez (2011), da luta por hegemonia em Gramsci (2002) ou contra hegemonia²⁷/outra hegemonia²⁸/hegemonia alternativa²⁹, conceitos citados por Rebuá (2015) em sua tese.

Necessitamos de uma universidade que globaliza a cultura, globaliza humanidade (SANTOS, 2002), universidade transmoderna (DUSSEL, 2016), aliás, uma pluriversidade, o lugar da interculturalidade, entre o povo e a academia, das relações entre o que se convencionou chamar de “clássico” e o que convencionalmente chamamos de “popular”.

Esse popular é o lugar do saber profundo, fecundo, citado por Luciano Santos (2013), o lugar dos movimentos sociais e não do banditismo social, nas palavras de Antônio Dias Nascimento (2019), o lugar da experiência no sentido mais benjaminiano (Rebuá, 2020), o lugar das narrativas, da memória, da autobiografia de Elizeu Souza (2016), o lugar, também, do Barroco de Stella Rodrigues (2019), pois todas as concepções, escolas, correntes artísticas/literárias/existenciais precisam ser conhecidas. A Universidade dos Saberes e Experiências Populares é a transição necessária que muitos movimentos sociais precisam fazer para ampliar suas lutas no século XXI. Converter e reconhecer experiências educativas, culturais, ambientais, que estão presentes nas comunidades, em universidades populares, talvez seja, no momento contemporâneo das lutas dos povos, das classes trabalhadoras ou que vivem do trabalho (Antunes, 2020), uma

27 O conceito de contra hegemonia não foi formulado por Gramsci, mas tem sido, segundo Rebuá (2015, p. 42) usado por diversos intelectuais como: “os brasileiros Carlos Nelson Coutinho (2007), Gaudêncio Frigotto (2010a), Virgínia Fontes (2008), Lúcia Neves (2005), José Paulo Netto (2008), Dênis de Moraes (2008), Emir Sader (2004) e os britânicos Raymond Williams (1979) e Terry Eagleton (1997), objetivando traduzir/demarcar, em termos de luta ideológica e material, um projeto antagônico de classe, em relação à hegemonia burguesa.”

28 Expressão usada por Semeraro (2009, p. 175) conforme citado por Rebuá (2015, p. 43), que representa “interpretações diferentes sobre o conceito de hegemonia em Gramsci”.

29 Daniel Campione (2003, p. 53), citado por Rebuá (2015, p.43), utiliza a expressão “hegemonia alternativa” como sinônimo de contra hegemonia.

reoxigenação das mobilizações populares por melhores condições de vida.

Como exemplo desses espaços que são potenciais universidades populares, temos o Acervo da Laje, o Quilombo do Orobu e o Sarau da Onça. Essas três instituições, cada uma com sua atividade específica, fazem um trabalho que recupera o sentido do popular, a história do povo e do seu lugar. O Acervo da Laje é um espaço de memória artística, cultural e de pesquisa sobre o Subúrbio Ferroviário de Salvador, que surgiu em 2010, fruto de pesquisas sobre a arte invisível dos trabalhadores da beleza nas periferias de Salvador, realizadas pelo professor José Eduardo Ferreira Santos, em parceria com o fotógrafo Marco Illuminati. A partir dessa experiência, José Eduardo e sua companheira Wilma Santos fundam o Acervo da Laje, que se caracteriza por ser uma casa-museu-escola.

O Acervo oferece arte e educação para a comunidade do Subúrbio Ferroviário de Salvador, uma das regiões mais populosas da cidade. O espaço de arte popular atrai artistas, intelectuais, instituições educacionais públicas e privadas, e promove um trabalho de formação de público com crianças, jovens, adultos da comunidade e de outras localidades, para a percepção estética, para compreender a importância dos bens culturais para a vida. O curso Pré-Vestibular Quilombo do Orobu, localizado no bairro de Cajazeiras V, foi fundado em 1999. Os jovens daquela região que protagonizam essa ação, eram oriundos da Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP), uma pastoral ligada aos valores da Teologia da Libertação, às Comunidades Eclesiais de Bases (CEB's), e tinham tido experiência no movimento estudantil, a exemplo de um dos seus fundadores, o professor/historiador Jailton Aleluia. Outra influência foi a presença de alguns membros desse grupo que foram estudantes do Steve Biko³⁰, uma cooperativa educacional (hoje

30 Maria José Pacheco e Gilmar dos Santos Rodrigues (2008), sendo pioneiros em protagonizar o reconhecimento acadêmico da experiência do Pré-Vestibular Quilombo do Orobu em seu TCC, justificam a relevância de sua pesquisa, tendo como orientador justamente o fundador do Ste-

Instituto) que surge em 1992, sendo o primeiro curso pré-vestibular comunitário em Salvador e considerado, também, o primeiro de quilombo educacional da cidade. O Quilombo Educacional do Orobu se baseia numa pedagogia que busca a inserção desses jovens na universidade, sobretudo pública, e fortalece os princípios da educação popular, do acesso a cidadania e da valorização da consciência negra (Santos, 2018).

O Sarau da Onça surgiu em maio de 2011, desenvolvendo atividades culturais no bairro de Sussuarana (também a partir da experiência de jovens advindos da PJMP). Inicialmente teve como objetivo desestigmatizar o bairro, retirando-o das páginas policiais para ascendê-los nas páginas culturais. O nome Sussuarana é de uma espécie de onça, por isso o nome deste sarau. O Sarau da Onça é um espaço de encontro e formação crítica dos jovens, a partir da poesia. Uma das palavras de ordem do Sarau é “a poesia cria asas”. Essa mensagem prevalece e ressignifica a ação dos jovens na periferia. O Sarau da Onça, também incentiva a criação de Saraus em outros bairros, realiza oficinas de escrita, dança e teatro e, recentemente, tem promovido debates com temas como Feminismo Negro, Extermínio da Juventude Negra, Depressão e Suicídio.

Esses exemplos apresentados demonstram que a força transformadora dessas instituições e a presença delas na periferia são um contraponto para a realidade que o poder hegemônico tenta impor para essas localidades. Tenta a todo momento impor, sobretudo, através da mídia sensacionalista, uma percepção negativa da periferia, onde a violência seria a carteira de identidade desses locais.

É preciso se apropriar do termo Universidade, dando-lhe um caráter popular, temperando esse conceito e trazendo as práticas de aprendizagem e formação historicamente desenvolvidas na periferia, para essa concepção de conhecimento. A universidade é nossa, somos

ve Biko e atual vereador da cidade de Salvador pelo PSB, Silvio Humberto.

saberes e fazeres e, nesse sentido, é urgente converter e reconhecer essas experiências que contribuem para o fortalecimento da cidadania e da identidade de classe nas comunidades. A criação de Universidades Populares na sociedade brasileira, tendo os movimentos sociais como aliados, pode e deve ser uma grande conquista para recuperar o potencial de organização dessas instituições. A Universidade Nacional das Madres de Plaza de Mayo, a Escola Nacional Florestan Fernandes e várias outras iniciativas citadas neste trabalho comprovam que o caminho para reestruturar a capacidade política dos movimentos sociais na América Latina passa por atitudes ousadas como essas. Salve a Universidade Popular!

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **“Uberização” do trabalho:** caminhamos para a servidão, e isso ainda será um privilégio. São Leopoldo, RS, Instituto Humanitas Unisinos, 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591102-uberizacao-nos-leva-para-a-servidao-diz-pesquisador>. Acesso: 04/02/2020.
- BONAFINI, Hebe de. **Seguir Pariendo:** discursos de Hebe de Bonafini 1983-2012. 1ª ed. Ediciones Madres, de Plaza de Mayo, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2013.
- BONAFINI, Hebe de. **¿Como macio lá Universidade?**, Universidade Popular das Madres de Plaza de Maio, Buenos Aires, 2005. Disponível em: <http://www.madres.org/navegar/nav.php?idsitio=2&idc=237&idindex=73>. Acesso: 19/01/2020.
- DIAZ, Adrian Figueroa. Em Defesa da Educação Popular. **Jornal Página 12**, Edição Impressa, Buenos Aires-Argentina, 16 ago 2017. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/46672-en-defensa-de-la-educacion-popular>. Acessado em 02 de agosto de 2017.
- DUSSEL, Enrique. **20 Teses de Política**. São Paulo, Expressão Popular/Buenos Aires, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, 2007, 184 p.
- DUSSEL, Enrique **Cinco Teses Sobre o “Populismo”**. In: Paulo de Tarso na Filosofia Política e Outros Ensaio. Trad. Luiz Alexandre Solano Rossi, São Paulo, Paulus (Coleção Novos Caminhos da Teologia) 2016, p. 119-234.
- FANON, F. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira, 1979.
- FERNANDES, Fabiana Silva e GENTILINI, João Augusto. **Planejamento, Políticas Públicas e Educação**. CADERNOS DE PESQUISA, v.44 n.153 p.486-492 jul./set. 2014
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 59ª ed. 2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um Reencontro Com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 3. ed.1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere – Os Intelectuais. O Princípio Educativo**. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. 334 p. v. 2.
- IBAÑEZ, Germán. **Instituto Universitario Nacional de Derechos Humanos Madres de Plaza de Mayo, “La Uni” – Boletín Digital UPMPM Nº 240**, Buenos Aires, Octubre de 2014. Disponível em: http://www.madres.org/documentos/boletines_upmpm/240/240_24OCT_2014.html 19/01/2020.
- MOURA, Tatiana Matias de. **Políticas afirmativas nos governos Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste –Vitória –ES, 2019. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2019/resumos/R68-0197-1.pdf>, acesso: 11/01/2020.
- NASCIMENTO, A. **Universidade e Cidadania:** o movimento dos cursos pré-vestibulares populares. Lugar Comum (UFRJ), Rio de Janeiro, v. 17, p. 45-60, 2002.
- NASCIMENTO, A. D. Sobre o Banditismo Social: Comentários Críticos. II Qualificação Doutoral sob o título: **“La Calle, La Plaza, La Palabra”:** Educação Popular, Contemporaneidade e Experiência da Universidade das Madres de La Plaza de Mayo, doutorando Ivandilson Miranda Silva, Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC), Universidade do Estado da Bahia, 2019.
- PIOVESAN, Flávia. **Ações afirmativas no Brasil:** desafios e perspectivas. Rev. Estud. Fem. vol.16 no.3 Florianópolis Sept./Dec. 2008. Disponível: <http://>

dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2008000300010,
acesso: 11/01/2020.

REBUÁ, Eduardo. **Da praça ao solo: um novo chão para a Universidade**. As experiências das universidades populares de Madres de Plaza de Mayo [UPMPM] e Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra [ENFF] em tempos de crise neoliberal na América Latina [2000-2010]. Tese Doutorado, Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Educação [PPGE], Niterói, RJ, 2015.

REBUÁ, Eduardo. **Insólito Benjamin**. Editora NAU, Rio de Janeiro, RJ, 2020.

RODRIGUES, Stella. **Comentários Sobre Ser Barroco no Mundo Contemporâneo**. II Qualificação Doutoral sob o título: “La Calle, La Plaza, La Palabra”: Educação Popular, Contemporaneidade e Experiência da Universidade das Madres de La Plaza de Mayo, doutorando Ivandilson Miranda Silva, Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC), Universidade do Estado da Bahia, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Universidade do Século XXI**: Para uma Reforma Democrática e Emancipatória da Universidade. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 63, p.237-280, out. 2002.

SANTOS, José Eduardo Ferreira. **Novos Alagados**: histórias do povo e do lugar. Bauru, São Paulo: Edusc, 2005.

SANTOS, Luciano Costa. O Pensamento Fecundo: Elementos Para Uma Racionalidade Transmoderna. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 39, p. 205-213, jan./jun. 2013.

SANTOS, Luciano Costa. **Universidade e projeto nacional-popular**, Aula Magna na Universidade do Estado da Bahia, Salvador-Ba, 2017.

SOUZA, Elizeu Clementino de; OLIVEIRA, Rita de Cássia Magalhães de. Pesquisa (auto)biográfica, cultura e cotidiano escolar: diálogos teórico-metodológicos. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, V. 2, N. Especial – p. 182-203 (jun - out 2016).

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. Tradução Maria Encarnación Moya. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

VÁZQUEZ, Inés. “**10 años de la UPMPM**”. Universidade Popular das Madres de Plaza de Mayo, Buenos Aires, 2010. Disponível em: <http://www.madres.org/navegar/nav.php?idsitio=2&idcat=336&idindex=73>, acesso: 19/01/2020.

Recebido em: 25/05/2024
Aprovado em: 10/08/2024



Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons.